



“DE PERTO NINGUÉM É NORMAL” : UMA ESTRATÉGIA DE CUIDADO PARA PRODUÇÃO DE SAÚDE MENTAL

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência parte do projeto que propõe atividades para produção de saúde e cidadania e surge a partir do trabalho na Oficina de Rádio “De perto ninguém é normal”, utilizada como recurso terapêutico no Centro de Atenção Psicossocial para pessoas em intenso sofrimento psíquico decorrente de transtornos mentais graves e persistentes no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tal proposta está pautada na Portaria 854 da Lei 10.216/2001 que busca o fortalecimento do protagonismo e a co-responsabilização dos familiares e usuários no tratamento de transtornos psíquicos e preconiza a autonomia cotidiana para a utilização do território.

Em 1998, foi utilizado como uma ferramenta de cuidado em Saúde Mental no Município de Santa Maria uma parceria da Rádio Universitária com os usuários da política de saúde mental, que teve início através de um projeto com o extinto Serviço de Atenção Integral em Saúde Mental (SAISM). Essa iniciativa foi denominada “De perto ninguém é normal”, que consiste em um programa de rádio produzido e apresentado pelas pessoas portadoras de transtornos mentais, que tem horário fixo na grade de programação da rádio. O programa foi elaborado e gravado periodicamente, sob a coordenação dos funcionários e estagiários do SAISM.

Com os movimentos da Reforma Psiquiátrica, o SAISM foi extinto e foram criadas novas tecnologias de atendimento às pessoas com sofrimento psíquico, como a criação dos serviços substitutivos denominados “CAPS”, Centros de Atenção Psicossocial, assim, estes usuários passaram a ser referenciados no CAPS 2 Prado Veppo.

Mesmo com a mudança, manteve-se a parceria com a Rádio Universidade e apesar de um intervalo de três anos fora do ar, o programa “De perto ninguém é normal” retornou a grade de programação em abril de 2005.

Tendo o programa passado por diversas coordenações e sendo assumido tanto por funcionários do CAPS quanto por estagiários de psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional e outros cursos vinculados à saúde, foi percebido a necessidade de formalizar esta parceria e resgatar esta história tão significativa no avanço das tecnologias de cuidado em saúde mental.

Em março de 2008, o grupo coordenado por uma Técnica em Saúde Mental do CAPS Prado Veppo, buscou resgatar a história desta estratégia de intervenção, pleiteando um espaço mais sólido para a saúde mental nas ondas do rádio, entendendo a importância da atividade, que vem ao encontro da proposta da Política Nacional de Humanização (PNH) na diretriz da Clínica Ampliada.

A formalização desta parceria com a Rádio Universidade fortaleceu o espaço de inserção social e discussão de temáticas de saúde mental junto ao público santamariense e desde então vem proporcionando aos usuários novas vivências, mantendo o horário original do programa na grade fixa da rádio comunitária da Universidade. Esta parceria teve por objetivo promover a reabilitação psicossocial através da articulação e aproximação dos usuários do CAPS Prado Veppo com os dispositivos sociais e culturais oferecidos pelos meios de comunicação.

Atualmente, a oficina de rádio está sob os cuidados de duas assistentes sociais e recebe semestralmente estagiários de graduação, especialmente do núcleo da terapia ocupacional. A gravação, bem como, as atividades de elaboração do programa seguem o modelo original desde sua criação e ocorrem duas vezes na semana como oficina no CAPS. No programa, os usuários produzem uma hora de entretenimento, distribuídos em oito momentos: radionovela, momento da poesia, receita de família, dicas de saúde, piadas do Nilvo, recados da semana, músicas mais pedidas e, por fim, a entrevista, sempre com um convidado trazendo algum assunto que é demandado pelo grupo a partir dos encontros.

A gravação do programa é feita quinzenalmente, quando os usuários se deslocam em um grande grupo até o centro da cidade e de lá embarcam no ônibus até o Campus da Universidade Federal de Santa Maria, no prédio da Reitoria, onde está instalada a Rádio Universidade. Sob a coordenação do técnico de som da Universidade, os usuários se dividem em pequenos grupos para gravar a apresentação dos quadros, montando os blocos que irão ao ar, enquanto a entrevista pode ser cedida antecipadamente por gravação no celular ou até mesmo com o convidado no estúdio.

O perfil dos usuários que participam ativamente do grupo fazem parte de uma discussão levantada pela equipe residentes da equipe multiprofissional do serviço, na qual se percebe o engessamento das atividades e a falta de práticas emancipatórias que garantam aos usuários o direito de transitar os espaços da cidade que compõem o seu território, uma vez que estes usuários estão organizados em suas atividades de vida diárias participando dos grupos terapêuticos e tendo boas respostas em seus tratamentos, desta forma, incentiva-se a saírem dos muros do CAPS e buscarem outras estratégias para reconstruir seu vínculo com o território, utilizando aqui o conceito de Milton Santos, que nos diz que o território é o lugar onde o indivíduo se reconhece como sujeito de sua própria história.

A ideia central deste projeto é buscar o desenvolvimento de atividades em grupo, explorando espaços públicos da cidade de Santa Maria, para que os usuários referenciados no CAPS 2 Prado Veppo passem a ter maior interação com a cidade a partir de ações construtivas e participativas elaboradas para o programa “De Perto Ninguém é Normal”, produto da Oficina de Rádio oferecida como atividade sócio terapêutica no CAPS.

Para Paulo Freire (1987) o oprimido não deve ser o opressor do opressor, mas o restaurador das relações humanizadas. Busca-se então, através de encontros para além dos muros do CAPS, contribuir para o processo da garantia de direitos, no resgate da cidadania e do cuidado em liberdade, possibilitando as pessoas portadoras de transtorno mental um novo lugar social junto à comunidade, suscitando na construção de um novo projeto de vida, tendo em vista à utilização do território.

2. METODOLOGIA

Esses encontros se dão quinzenalmente, em espaços públicos escolhidos pelo grupo, sempre trazendo algum convidado para mediar o tema que foi proposto nos encontros. Esse conteúdo transformado em entrevista gravada em formato de áudio e também em outras expressões artísticas trazidas pelos usuários é utilizado para produção do programa de rádio. São observados pelos profissionais e pelos usuários as relações e mediações estabelecidas entre os participantes, e aos poucos incentivando o grupo a manter um movimento de interação com a cidade,

reconhecendo espaços potencialmente inclusivos para produção de saúde mental para além do Centro de Atenção Psicossocial.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao reconhecer e ocupar os espaços da cidade como campo de produção de saúde, aconteceu um movimento de resistência destes usuários, na perspectiva de resgate da cidadania e de garantia de direitos, onde, através de uma atividade de interação e comunicação eles conseguem romper com os estigmas que são enfrentados ao longo de suas vivências. Para Freire (1987), a comunicação é o meio pelo qual é possível transformar o ser humano em sujeito de sua própria história, conduzindo-o a uma consciência crítica e uma transformação de si mesmo e sua realidade. Observamos que estes sujeitos conseguiram desenvolver novos projetos de vida, a partir de lugares comuns disponíveis na cidade onde puderam usufruir do espaço físico e desenvolver autonomia para explorar cotidianamente esse território, sem necessariamente, ter a condução do grupo, numa ação que envolve as famílias e suas redes de apoio.

Com esse novo formato de planejar as atividades da oficina, os usuários demonstraram maior interesse nas atividades em que eles próprios produzem o conteúdo e escolhem os lugares de onde querem se apropriar. Muitas falas como “Aqui fora é melhor de respirar, é diferente de estar na sala do CAPS” ou “Nesse final de semana voltei com meu filho lá na Locomotiva, nunca tínhamos ido juntos até lá” demonstram que a interação dos usuários com o território é de grande valia frente a resposta dos seus tratamentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos dos usuários e da observação do comportamento apresentado diante do grupo consideramos que essa atividade se efetiva como estratégia de cuidado eficiente em saúde mental. Os pares que compõem o grupo realizam um exercício de empatia com o sofrimento psíquico do outro que, de certa forma, também é seu, pois estes vivenciam as mesmas dores e as mesmas rejeições ocasionadas pelo preconceito e exclusão da sociedade e da família. Para Tykanori (1996), o adoecimento mental desqualifica o sujeito em termos de suas produções sociais(...) as produções das pessoas em sofrimento mental são sempre passíveis de suspeição.

Para romper com esses estigmas, utilizamos de estratégias de cuidado como esta, que incluam a sociedade e a família, buscando a reinserção social do sujeito, o que vem ao encontro da efetivação de uma das funções primordiais do Centro de Atenção Psicossocial, resgatando a cidadania desses sujeitos e melhorando a qualidade de vida e bem-estar frente ao sofrimento psíquico, além de possibilitar as pessoas portadoras de transtorno mental um novo lugar social junto à comunidade, fazendo um contraponto entre as suas experiências pessoais e o cotidiano da rua.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.216 de 06 de Abril de 2001**. Brasília, 1988.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção e Saúde. Departamento de **Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental no SUS: Os centros de atenção psicossocial**. Brasília: MS, 2004.

CFESS. **Parâmetros para atuação do Serviço Social em Saúde**. Brasília: CFESS, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LANCETTI, A. **A clínica Peripatética**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

LIMA, E.F.A; YASUI, S. **Territórios e sentidos**: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde em debate*. RJ.v.38.n.102.p.593-606. 2014

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. São Paulo: EUSP, 2006.

TYKANORI, R.K. **Contratualidade e reabilitação psicossocial**. In PITTA, A.F. (ORG). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.